DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

AS OPÇÕES DENTRO DAS ELEIÇÕES - SISTEMA ELEITORAL ARGENTINO

Emma Varone escreve sobre o funcionamento do sistema eleitoral argentino e os candidatos que se apresentarão nas eleições de 22 de outubro.

Uma Perigosa Corrida
Por Rafael Ribeiro Neves

New Kids on the Bloc
Por Diogo Moreira

Língua Romena - A Arma que Putin Ignorou
Por Cristian Bancu

EDIÇÃO XXII

Setembro de 2023

Nestor Barbitta

Ryoji Iwata

da editora

POR FRANCISCA COSME FERREIRA

Bem-vindos/as à edição XXII da DDEP!

A **Da Democracia em Portugal** é um projeto estudantil que tem como objetivo dar a liberdade aos mesmos de se expressarem e explorarem os seus dotes de escrita e o seu pensamento.

Depois da pausa de verão, os nossos redatores juntam-se de novo na discussão deste mundo que não para de rodar, enquanto vivemos numa época de incerteza e instabilidade.

Para introduzir, falarei das nossas secções da revista.

A Meu Ver, onde nos dedicamos exclusivamente a artigos de opinião;

Lá Fora, juntamos artigos que abordam temas internacionais;

(Cria)tividade, como o nome indica, dá liberdade ao redator para expor a sua prosa, poesia, fotografia, desenho, etc;

(Há) conversa, dedicamo-nos a transpôr entrevistas;

Núcleo Musical, onde se dá uma apreciação ou crítica musical.

Fiquem por aí. Os nossos redatores têm muito para dar.

CONTEÚDO

06 **LÁ FORA**

Secção dedicada a assuntos internacionais.

17 **CÁ DENTRO**

Secção dedicada a assuntos nacionais.

29 **A MEU VER**

Secção dedicada a opinião.

40 **(CRIA)TIVIDADE**

Secção dedicada a expressão criativa.

51 **ESPAÇO CULTURA**

Secção dedicada a recomendações culturais.

Nathan Anderson

ÍNDICE

Diogo Moreira *"New Kids on the Bloc"*, **pg. 6**

Emma Varone *"As Opções Dentro das Eleições - Sistema Eleitoral Argentino"*, **pg. 10**

Cristian Bancu *"Língua Romena - A Arma que Putin Ignorou"*, **pg. 14**

Rafael Neves *"Uma Perigosa Corrida"*, **pg. 17**

Madalena Oliveira *"JMJ: O Que Podemos Levar? Uma Experiência Pessoal"* **pg. 23**

Natacha Pernas *"O Eclipse do Horizonte Moral Comum"*, **pg. 29**

Xavi Ramos *"Cuba, o Estado Falhado mais Bem-Sucedido"*, **pg. 34**

Rodrigo Leitão *"Papéis de Verão"*, **pg. 41**

Cristian Bancu *"Green Lives Matter"*, **pg. 47**

Martim Dinis *"O Sazonal Recrudescimento do Ser: The SonicBlast"*, **pg. 52**

New Kids on the Bloc

POR DIOGO MOREIRA

A "aliança" conhecida como BRICS acabou de crescer. Na cimeira anual dos BRICS em Joanesburgo, o Presidente da África do Sul anunciou que 6 novos países se iriam juntar à aliança. A China, que se tem tornado na força motora do grupo, tem razões para estar contente. Xi Jinping demonstrou-se bastante agradado com esta expansão, mencionando que este era um "*novo capítulo de solidariedade e cooperação*".

Os BRICS sempre foram uma mistura muito peculiar, sendo originalmente vistos como os países em desenvolvimento que futuramente iriam deter grandes fatias da economia mundial. Muitos outros países quiseram o prestígio e poder de negociação que a pertença a este grupo lhes oferece, mas o que move estes novos países a juntarem-se aos BRICS vai muito para além dos benefícios económicos.

EPA Photo

O encontro em Joanesburgo foi um símbolo de como a geopolítica está a mudar. O grupo convidou 6 novos membros, demonstrando como as potências emergentes se estão a tornar mais assertivas no panorama internacional, e como a China se está a tornar mais assertiva em agarrar nessas potências.

O bloco teve bastante reconhecimento nos anos 2000 quando havia muito otimismo em relação ao crescimento dos mercados emergentes no geral, mas, apesar disso, na década de 2010 a opinião da maioria dos analistas era que os BRICS estavam numa fase decadente e perto do fim. As economias não-asiáticas quase não cresciam economicamente e era difícil encontrar qualquer relevância neste bloco. O grupo, sendo bastante diversificado, mais rapidamente discordava em assuntos de política global do que concordava em praticamente qualquer assunto.

Continuou a reunir-se todos os anos e foi de certa forma uma plataforma para criticar a ordem internacional liderada pelo Ocidente. No entanto, ninguém levou esta iniciativa (ou o grupo) muito a sério. Aliás, muito francamente, acho que nem os próprios BRICS se levavam a sério.

Tudo começou a mudar há alguns anos, o Ocidente tornou-se mais conflituoso em relação à China, mas a agravante maior foi a invasão russa da Ucrânia. Durante este último ano temos assistido à China (com a Rússia a reboque) a utilizar os BRICS como um contrapeso institucional ao Ocidente, e em particular, ao G7.

Ao mesmo tempo, isto não tem sido uma tendência impulsionado só pela parte dos BRICS. Tem sido uma resposta à procura global transitória que está a acontecer: Hoje temos potências médias muito mais assertivas à medida que estas ficam mais ricas e querem desempenhar um papel mais importante nos assuntos globais. Por esta razão é que mais de 40 países manifestaram interesse em aderir aos BRICS antes da sua cimeira em Joanesburgo, e cerca de metade deles já tinham apresentado formalmente as suas candidaturas.

Portanto, o processo de expansão foi algo impulsionado principalmente pela China e pela Rússia sim, mas também era uma resposta a uma tendência na geopolítica que se está a verificar como real, que é um grupo de "middle powers" mais assertivas do que antes a tentar criar espaço entre o Ocidente e uma ordem mundial liderada pela China, para tirar mais proveito do sistema internacional.
Não sei como irão fazer um novo acrónimo com isto, mas os novos países são: Argentina, Etiópia, Egito, Irão, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos.

É difícil não olhar para este grupo de países e não ver a influência da China aqui estampada. Para os países do Golfo em particular, a sua adesão aos BRICS enquadra-se tanto no seu desejo de recalibrar a sua relação entre o Ocidente e a China, como também no recente impulso da China para uma diplomacia mais concertada na região. O desejo dos BRICS de ver mais comércio feito em moedas que não o dólar também se enquadra aqui, porque se puderem comprar mais produtos deles com a sua própria moeda isso irá enfraquecer o domínio do dólar.

Os outros três, Egito, Argentina e Etiópia, são países grandes na sua região, mas a razão da sua entrada no grupo parece ter mais a ver com a sua proximidade com a China nos últimos anos. Vejamos o caso da Etiópia, o segundo país mais populoso do seu continente, tem um PIB per capita inferior a mil dólares, portanto não é uma grande "middle power" óbvia, para além de que teve uma enorme guerra civil que ainda está em curso. Poderíamos apontar outros nomes que seriam membros africanos mais óbvios dos BRICS (como a Nigéria ou o Quénia), mas devido aos seus laços de longa data com a China, a Etiópia foi o primeiro da fila.

O grupo está a ficar muito variado. Economicamente, os BRICS já diferem muito em termos de PIB per capita, políticas monetárias e limites comerciais, e isso vai tornar-se ainda mais notório à medida que acrescentam mais 6 membros, São também muito diferentes politicamente: dos membros existentes, temos 3 (mais ou menos, bastante imperfeitas) democracias e 2 autocracias. Na cimeira, foi bastante perceptível o quão politicamente diferentes são. As 3 democracias não estavam (pelo menos explicitamente) a declarar o quão mau eles sentiam que a ordem internacional do Ocidente era, de um modo geral tratava-se apenas de apelos ao desenvolvimento mútuo, à cooperação e à multipolaridade.

Entram os discursos de Xi Jinping e Vladimir Putin e os seus tons eram muito mais duros, às vezes roçando um discurso de quase catástrofe da situação mundial, e apresentavam-se mais como um desafio direto ao Ocidente. Esta é uma tensão que eles vão ter de gerir daqui pra frente: teremos um grupo de países que vêem os BRICS como parte duma estratégia genuína de não-alinhamento e teremos as 2 autocracias mais poderosas do mundo, lideradas pela China, que encaram o grupo como uma maneira de desafiar diretamente o Ocidente.

A cimeira demonstrou que o Ocidente não pode ignorar os BRICS, que tem agora 11 membros e promete fortalecer as suas instituições independentes como o New Development Bank, e o grupo é claramente apelativo a muitos destes middle powers que estão a tentar encontrar o seu caminho num mundo onde há tensões crescentes entre o Ocidente e a China.

Irá haver uma tensão fundamental entre os middle powers que estão genuinamente não alinhadas (Índia, Brasil, Emirados Árabes Unidos e a Árabia Saudita) e as duas autocracias que vêem os BRICS como um motor para colocar mais países na sua esfera de influências. Penso que isso significa que quando houver questões em que possam alinhar numa crítica comum ao Ocidente, podem ter um alcance e uma voz poderosa, mas será, na maior parte, limitado pelas suas próprias contradições e divisões.

Alet Pretorius/POOL

As Opções Dentro das Eleições - Sistema Eleitoral Argentino

POR EMMA VARONE

Tal como diz o primeiro artigo da constituição argentina: "*La Nación Argentina adopta la forma de gobierno representativa, republicana y federal*" deixando claros os princípios em que assenta a Nação.

Nestes últimos meses temos ouvido comentar as eleições argentinas que levarão às urnas mais de 35 milhões de cidadãos e neste artigo vamos explorar o processo eleitoral neste país sul-americano.

O que se vota e como se vota na Argentina em 2023?

Na Argentina existem dois momentos de votação, com um eventual terceiro: as eleições PASO que se realizaram no passado dia 13 de Agosto, as eleições gerais que terão lugar no dia 22 de outubro e uma eventual segunda volta marcada para dia 19 de novembro.

Maurício Guardiano

Nas eleições deste ano serão eleitos o Presidente e Vice-presidente da Nação, 19 parlamentares do Mercosul por distrito nacional, 24 parlamentares do Mercosul por distrito regional, 130 deputados nacionais e 24 senadores em 8 províncias.

É importante notar que o presidente da República e os membros do Congresso podem ser reeleitos. O presidente pode ser reeleito uma vez e assim governar por 8 anos consecutivos, após os quais tem que esperar pelo menos um período de governo para se recandidatar. Em contrapartida, os membros do congresso podem ser eleitos indefinitivamente.

Mas o que são as PASO?

As PASO, que se realizam por norma dois meses antes das eleições gerais, têm como objetivo ajudar os partidos a definir os seus candidatos ao congresso e à presidência. O seu nome tem origem no facto de serem eleições Primárias, Abertas, Simultâneas e Obrigatórias.

Nestas eleições, os diferentes partidos políticos apresentam os seus candidatos à presidência assim como as listas para o congresso. Estes pré-candidatos devem assim passar pelas PASO para poderem chegar às eleições gerais.

Depois de contados os votos é selecionado o candidato mais votado de cada um dos partidos políticos, mas se um dos partidos não superar uma quantidade mínima 1,5% dos votos então não se poderá apresentar às eleições gerais.

Além da lista de candidatos, os partidos políticos também apresentam listas de candidatos a deputados e senadores. O poder legislativo é exercido na República Argentina pelo Congresso Nacional, que é composto por duas câmaras: Câmara de Deputados e Câmara de Senadores. Os deputados representam diretamente o povo argentino e os senadores representam as 23 províncias e a Cidade Autónoma de Buenos Aires.

LÁ FORA

A Honorável Câmara de Deputados da Nação (HCDN) é composta por 257 membros eleitos diretamente pelas 23 províncias e pela Cidade Autónoma de Buenos Aires e é renovada por metade a cada dois anos. Isto significa que este ano acaba o mandato de 4 anos de metade da Câmara e que as eleições serão feitas para eleger 127 deputados. Estes são eleitos por uma lista de candidatos e candidatas fechada e bloqueada e, para que um partido político participe na distribuição dos assentos, deve superar o mínimo de 3% do padrão do distrito em questão. A distribuição de assentos é feita segundo o sistema D´Hondt e garante-se um mínimo de cinco representantes para as províncias com menor quantidade de eleitores.

Por sua vez, a Câmara de Senadores da Nação é composta por 72 membros e renova-se por um terço a cada dois anos (o que significa que um mandato de senador tem a duração de 6 anos). Cada uma das 23 províncias e a Cidade Autónoma de Buenos Aires tem a mesma quantidade de senadores, três. Os assentos provinciais são distribuídos entre a agrupação política que ficar em primeiro lugar nas votações, que terá dois lugares, e o partido que fique em segundo nessa província terá o terceiro assento na Câmara de Senadores. Este ano as oito províncias que irão eleger senadores são Buenos Aires, Formosa, Jujuy, La Rioja, Misiones, San Juan, San Luis e Santa Cruz.

Para a eleição do presidente o país não é dividido em distritos, sendo o território considerado como um único distrito. No dia das eleições, os cidadãos votam, sendo que a votação é obrigatória entre os 18 e os 60 anos, mas é também aberta sem obrigatoriedade aos maiores de 16 e de 70 anos.

Nas eleições gerais, para escolher o Presidente e Vice-Presidente o candidato mais votado tem de obter mais de 45% dos votos ou mais de 40% com uma diferença de 10 pontos percentuais em relação ao segundo lugar. Se este não for o caso, vai-se a uma segunda volta em que o país volta novamente às urnas para escolher entre os dois binómios mais votados.

HalloweenHJB

Quem são os candidatos que se apresentarão a 22 de outubro?

O deputado Nacional Javier Milei e o seu partido La Libertad Avanza foram a grande surpresa da noite eleitoral. Sem nenhuma oposição interna no partido que já o havia declarado como candidato presidencial há mais de um ano, Milei obteve 30% dos votos

Patricia Bullrich, ex-ministra de Segurança, venceu no partido Juntos por el Cambio o seu opositor Horacio Rodríguez Larreta. No entanto, o partido como força opositora diminui a sua quantidade de votos quando comparamos com as legislativas de 2021. No total, o partido reuniu 28% dos votos, sendo que Bullrich ficou à frente com 17% face aos 11% de Larreta.

Em terceiro lugar, com 27,27%, um total de 5.070.104 votos, ficou o partido *Unión por la Pátria*. O atual ministro de economia Sergio Massa venceu nas PASO o seu opositor interno Juan Grabois por uma diferença de quase quatro milhões de votos. Com o seu Vice-Presidente Agustín Rossi, Massa lidera assim nas presidenciais o partido *Unión por la Pátria*.

Juan Schiaretti, governador da província de Córdoba, do partido Hacemos por nuestro país, também não enfrentou oposição interna e conseguiu superar o patamar de 1,5%, reunindo 3,83% dos votos.

Por último, com 2,65% dos votos no partido Frente de Izquierda, o binómio Bregma-Del Caño com 1,87% dos votos superou a sua oposição Solano-Ripoll por 300 mil votos.

Assim, depois de décadas de instabilidade política, económica e social, o que se poderá esperar do futuro da Argentina? Qual será a proposta mais realista? E, sobretudo, qual será a escolha daqueles que determinam o futuro do país, os eleitores?

Natacha Pisarenko, Associated Press

Língua Romena - A Arma que Putin Ignorou

POR CRISTIAN BANCU

Pela iniciativa de vários membros do parlamento, foi pedido ao Senado Romeno, em 2011, tornar o dia 31 de Agosto como o "Dia da Língua Romena". Promulgado apenas em Março de 2013 pelo ex-presidente da Roménia, Traian Băsescu, comunidades, organizações e associações romenas já celebravam o feriado na Bulgária, Sérvia, Ucrânia e Hungria desde a sua anunciação, exigindo ao Estado Romeno que também reconhecesse o feriado.

Mas a celebração da língua romena já vem de tempos soviéticos. A 23 de Junho de 1990, na então República Socialista Soviética da Moldávia, os moldavos celebravam o feriado intitulado "Limba noastră cea română" (A nossa língua romena), mas que viu o seu nome alterado para apenas "Limba noastră" (A nossa língua) em 1994, data em que foi proclamada a Constituição da República da Moldávia.

Alisa Anton

Esta data aponta para um marco importante na história dos "povos romenos". Com a proclamação da independência em 1991, a integridade do entendido povo romeno vê-se posta em causa. A Moldávia, como região territorial, vê-se dividida ao meio pelo rio Prut. A metade que permanece sob a soberania do Estado Romeno mantém o seu nome, enquanto que a "Moldávia pr'além do Prut" (vulgarmente chamada em romeno) passa a chamar-se República Moldova, ou Bessarábia para os nacionalistas romenos. Se visitar a Roménia verá, certamente, grafitado "Bassarabia e România 1918" (Bessarábia é Roménia 1918), alusivo à Grande Roménia do pós-Grande Guerra.

Mas esta divisão não se dá apenas no âmbito territorial. A República da Moldávia, "russificada" por mais de 50 anos, passou por processos de desidentificação totais, a nível político, social e especialmente cultural. Adota-se o alfabeto cirílico ao invés do latino e o léxico russo invade a língua romena e nela deposita marcas que até hoje perduram. A isto se deve que em 1994, aquando da redação da Constituição, os moldavos sofriam de uma crise de identidade, entre quem foram antes de 1941, e entre 1941 e 1991.

A Moldávia então proclama-se com uma nova entidade, onde não é russo nem romeno, mas moldavo aquele que a integra. O artigo 13º da Constituição da República da Moldávia de 1994 dita que "*A língua de estado da República Moldova é a língua moldava, que funciona à base da grafia latina*". Mas essa formulação contraria o texto publicado na declaração da independência de 1991 que refere que o Parlamento da República Moldova decretou o romeno como língua de estado e a reintrodução do alfabeto latino.

Então a Moldávia encontra-se nesse limbo, com um pé na Roménia e um pé na maré russa, sem saber qual dos pés há de levantar. A Roménia reconheceu a independência da República Moldova poucas horas depois de essa a proclamar, mas é de conhecimento comum que o espírito geral da nação romena é o de reunificação com os irmãos para além do Prut. As sondagens recorrentes assim o mostram, e também o espírito político da classe que governa. Do lado da Moldávia o consenso entre a população já não é tão acentuado. Por um lado, domina a identidade romena, europeia e democrática, a relação de fraternidade. Por outro lado, a nostalgia soviética e os 50 anos de lavagem de identidade puxam os moldavos para a russofilia.

Porém, as primeiras duas décadas do novo milénio parecem ter sido mais favoráveis à europeização da República da Moldávia. Desde logo, o Tribunal Constitucional de Chisinau decidiu, em dezembro de 2013, que o texto da Declaração da Independência prevalece sobre as previsões da Constituição de 1994. Encabeçada pelo Partido Ação e Solidariedade, a iniciativa de alterar a "língua moldava" pela "língua romena", implementando a decisão do Tribunal Constitucional de 2013, foi votada em Março de 2023 no Parlamento, depois de uma sessão escandalosa e com vários empurrões. Os deputados do Bloco dos Comunistas e Socialistas bloquearam a tribuna central em sinal de protesto.

O presente governo tem uma posição muito clara quanto aos valores europeus a que a República Moldova aspira. Os passos dados pela Presidente Maia Sandu na busca pela integração europeia da Moldávia foram passos audazes, mas firmemente assentes no ideal de um futuro próspero para o país que preside.

A própria conflitualidade entre a Rússia e a Ucrânia no presente ajudou quanto à sensibilização do povo moldavo na escolha entre o bloco de influências ao qual se quer alinhar. E o alinhamento é forçosamente necessário, não haja dúvidas, apesar de muitos críticos reclamarem que a Constituição obriga a que a República Moldova seja neutral. A questão da Transnístria é também uma questão que acentua a necessidade de integração europeia. A Moldova encontra-se com um movimento separatista pró-russo na sua fronteira a leste com a Ucrânia, o que representa um perigo iminente à estabilidade territorial e política.

A língua romena representa, portanto, não só uma correção histórica, mas uma ferramenta política de união e de integração da Moldávia na esfera política europeia e ocidental. É a primeira demarcação dos restos do sovietismo que ainda pairam pelas antigas repúblicas socialistas.

Theodor Vasile

Uma Perigosa Corrida

POR RAFAEL RIBEIRO NEVES

Seria tolo exercício voltar a realçar as evidências que o Sr. Mexia, o Sr. Feio ou a Dra. Ferreira Alves já fizeram notar nos seus devidos espaços. A discussão das distantes presidenciais neste tempo, embora a história de facto mostre ser praxe, afasta a Nação da discussão de tópicos mais estruturais e relevantes para o presente e para um futuro sustentável, o que por certo, causa uma certa satisfação a sua notabilidade, o Sr. Primeiro-ministro. Todavia, e seguindo o exemplo dos insignes referidos, não podia deixar de propor a reflexão sobre os candidatos putativos que se apresentam e o peso, provavelmente profundo, que essa eleição terá na realidade nacional.

Primeiramente, é necessário ter em mente o cenário político que creio ser o mais provável, e não sendo conhecedor das artes do oculto, este naturalmente está sujeito a notável equívoco.

Getty Images

Com substancial probabilidade, a situação económica não melhorará nos próximos anos e em algum pessimismo tendo a crer que, ausente de governo hábil, a Pátria continuará no seu caminho de decadência. O eleitorado fustigado terá tendência ao voto de protesto ou à alternativa radical na ausência de figuras agregadoras ao centro, que, caso não se deva a miopia própria, suspeito que ninguém as veja. Neste cenário, a Assembleia que o próximo Sr. Presidente terá de se relacionar, será particularmente atomizada e de difíceis arranjos. De Bruxelas os auxílios começarão a ficar escassos e dado à inutilização do PRR não me parece que alguma mudança visível seja feita no tecido productivo, e o Estado-social continuará na sua marcha fatal. O futuro Presidente estará ao leme de uma situação algo precária e de tendicial ruptura de laços sociais, e, caso soluções executivas se apresentem de difícil construção, recairá sobre este a função ecuménica interpartidária.

Inicialmente, é de minha crença que o nome do Eng. Guterres deva ser afastado, dado que o seu mandato na ONU acaba depois das eleições presidenciais, o que levará o mais feroz dos críticos a crer que as Nações Unidas têm uma real utilidade. Da mesma forma, o Sr. Governador do Banco de Portugal não me suspeita interessado à presidência, assim como oro aos céus que o Dr. Durão Barroso evite em consciência ocupar qualquer cargo de dignidade em Portugal, depois de ter atraiçoado em oportunismo a sua Nação por uma cadeira maior. Do PCP é expectável algum nascido burguês que represente o proletariado, do Bloco e da sua versão um beijo, a IL, quiçá surjam mais dois nomes mas não é plausível que nenhum destes consiga passar à segunda volta, assim como os "candidatos de Rãs" que se apresentem. Dos nomes sonantes, com enorme pesar da minha parte, não me parece de acordo com a verdade acreditar numa possível vitória do Dr. Paulo Portas, cuja sagacidade, educação e gravidade seriam inequivocamente bem-vindas ao Palácio de Belém, mas, dado que nomes sociais-democratas já foram apresentados e tal requereria uma frente unida das direitas, temo que seja um nome a descartar.

Justin Lane/EPA

Da área do PS, ainda apenas considerando os nomes improváveis de passagem à segunda volta, a Dra. Ana Gomes poderá forçar pela segunda vez a sua candidatura, mas, segundo oiço, enquanto sua notabilidade ocupar o governo é de dúvida plena que o PS declare suporte, e, assim sendo, não caberia à razão a recandidatura com o risco de ser ultrapassada nas intenções de voto pelo Dr. André Ventura ou pelo candidato do espaço político do Chega. O Dr. Francisco Assis é um nome absurdo e, embora tenha bastante afecção pela figura de Santana Lopes e assim penso ser na generalidade da população, matuto que o comentário político mediático iria ser excessivamente arrasador e penalizador nas contas finais. Embora guarde cautela quanto a possibilidade deste nome passar a uma segunda fase, caso campanha e debates corram bem. No entanto, não aplico a mesma reserva ao Dr. Paulo Portas por desconfiar se tratar de um candidato de certo nicho populacional, menor que outros nomes sugeridos, e difícil de ultrapassar na existência de tanta concorrência.

Em possíveis candidatos à segunda volta, e principiando pelo nome mais certo, temos aquele que foi apelidado por Araújo Pereira como o "anão da SIC", e que tal atentado à fisionomia, eu seria incapaz de reproduzir.

Embora tal qual Bugalho a Portas, o Dr. Marques Mendes siga cautelosamente os passos de sua excelência, o Sr. Presidente da República, pelo que me é dado a conhecer entre jantares e caçadas, é descrito como uma figura fraca, ausente de gravidade e autoridade, com um carisma enfezado, uma astúcia reduzida e cujo legado se resume ao fracasso. As descrições costumam ser ligeiramente menos doces, se é possível de se crer, o que juntando ao visível presente no espaço público me leva cogitar que em debate facilmente seria ultrapassado, a ter certezas da incapacidade de execução das funções próprias da magistratura a que se candidata e a duvidar que face-a-face com o plausível candidato da esquerda, salvo seja por alguma bizarra ocorrência um radical, que tenha reais possibilidades de vitória, sobretudo sendo que já de partida conta com a inimizade de uma considerável proporção dos votos, os do Chega. Do Chega, embora não seja certo, na ausência de uma candidatura do Dr. Passos Coelho ou de uma candidatura agregadora do Almirante Gouveia e Melo, é de se ponderar a possibilidade do Dr. Ventura se reapresentar a votos, podendo efectivamente, se os votos à direita forem algo partidos, o que não é expectável no eleitorado do Chega, chegar a uma segunda volta.

Tendo naturalmente em mente, que, o candidato que concorrer contra, sem grande margem para dúvidas, será o próximo Presidente da República. Ainda na direita política, onde note-se inclui o Dr. Marques Mendes por cortesia, o nome de Pedro Passos Coelho é sabidamente desejado e, creio eu, a única possibilidade real de eleição de um presidente político não socialista (mantendo a reserva em Santana), por certo unificando a direita política, e por sabido mérito sendo um nome forte para assegurar uma boa governação nos anos de mandato sobre a sua atenção, recordando que é provável se tratarem de tempos complexos e ansiosos por um moderador afável.

Do outro lado do espectro, recordando que sua notabilidade, o Sr. Primeiro-ministro, referiu no longínquo 2015 o nome do Dr. António Vitorino, actualmente disponível e com um currículo nacional e internacional respeitável, e que embora não seja do conhecimento do grande público ainda há tempo para se fazer conhecer as massas, o nome mais provável é do destacado, Sr. Presidente da Assembleia da República. Não livre de algum temor concebo que seja o nome mais forte colocado em cima da mesa para as próximas presidenciais, afinal de contas detém um vasto e recto currículo passando de uns partidos para os outros, estando lado a lado com o Eng. Sócrates e deixando esse enorme legado em todos os ministérios onde passou, tão grande e vasto que até hoje escusa menção em todo e qualquer jornal. Logicamente, uma vitória do Dr. Santos Silva se traduziria numa complicação desnecessária naquilo que pudesse vir a ser o arranjo político pós legislativas 2026, sendo fácil de imaginar a intransigência que teria com possibilidades governativas com o Chega, além de que é de minha suspeita que a eleição de tal sinistra figura iria desencadear ou facilitar processos kafkianos contra o partido de André Ventura.

Tiago Petinga/LUSA

Do mais, as posições do Sr. Presidente da A.R. em relação a toda a direita, mesmo a dita moderada, são conhecidas e resumidas na sua icónica frase "*gosto é de malhar na direita*", que a elegância e eloquência, devo confessar, até me faz reconsiderar o sentido de voto. Receio que a coexistência de tal presidência com um governo de direita, provavelmente frágil, acabe num conflito institucional favorecedor de interesses alheios a Nação. No cenário de um governo socialista a conformidade seria tamanha que o pouco bom funcionamento que resta das instituições seria colocado na lista de candidaturas à eutánasia. Seria um presidente bélico, pouco consensual e fracamente longínquo da dignidade que o cargo requer e é com imensa mágoa que arrisco dizer que, caso realmente se candidate, é um certo na segunda volta e um quase certo vencedor das eleições.

Por fim, o Almirante Gouveia e Melo. Apesar do levantar de críticas sobre o desconhecimento das posições políticas do Almirante, uma figura serena e de autoridade, reconhecida pelos cidadãos como eficiente e discreta podia retornar algum prestígio e sensação de segurança às instituições.

Com a apresentação de uma candidatura de serenidade, de moderação e de virtude suspeito que o Almirante encontre uma real possibilidade de eleição, sobretudo superando o espectro partidário e podendo ser uma figura de união em tempos polarizadores, tendo ainda a seu favor a carga da disciplina conotado com os militares que na eleição podia ser apresentada como regradora de forças mais radicais e descansar partes mais ansiosas da população quanto a determinadas hipotéticas coligações. O desconhecimento das suas posições facilmente poderia ser colmatado em debate e no período de campanha, não me suspeitando vir a ser o entrave que impediria a eleição. No que diz respeito ao questionamento por este ser um militar, é claramente um pensamento de República nova, se o regime de abril é para se eternizar, o que não é, mas suponhamos, existiram eventualidades históricas em que os militares terão conquistado valor para exercer funções políticas como ocorre e ocorreu em tantas e estabelecidas repúblicas. Notoriamente, a dificuldade inicial de tal candidatura seria uma base fixa num primeiro momento, sobretudo tendo em conta que com o afastamento dos tempos da pandemia a fama do Almirante iniciou um processo de degradação.

Não posso deixar de salientar, que foi me apresentada a hipótese de a hipotética candidatura ter sido um meio para forçar a atribuição do cargo que agora ocupa e que realmente não é plausível a candidatura presidencial. Em nota, ainda deixo a minha descrença pela candidatura do Sr. Primeiro-ministro à Presidência, não concebo como em tempos tão incertos não seria uma enorme imprudência, devendo fazer aquilo que o Prof. Cavaco Silva não soube, e aguardar um termo para depois sim se candidatar.

Em suma, embora pelas minhas contas necessitemos de um presidente consensual, agregador e diplomático para a plausível instabilidade política que se aproxima, o mais certo, se a direita não encontrar uma figura de união, é acabarmos com um Presidente belicista dado a excessos e temo, causador de uma enorme instabilidade nacional. Em responsabilidade até o próprio PS, deveria optar por um nome mais correcto que Augusto Santos Silva ou, em conjunto com o PSD, a bem da democracia, encontrar um nome mais melodioso a todos. Pode ser que o tempo me prove errado, mas de momento se a figura do Almirante não avançar ou se o Dr. Passos Coelho não regressar, prevejo que não tarda, de um lado haverá uma luxúria a "*malhar na direita*" e no outro, um perigoso sentimento de incompreensão e injustiça pelo estado das coisas.

Stefan Didam

JMJ: O Que Podemos Levar? Uma Experiência Pessoal

POR MADALENA OLIVEIRA

Nos primeiros dias de agosto presenciamos o maior evento que alguma vez Lisboa viu: a Jornada Mundial da Juventude. Nas margens do Tejo, no evento final, estavam mais de um milhão e meio de pessoas, num silêncio que marcou não só quem lá estava, mas também quem acompanhava pela televisão. Deixo aqui a minha experiência dessa semana, a minha quarta Jornada.

Lisboa 2023

Nos meses antes das JMJ foram várias as vezes que a Jornada foi parar aos meios de comunicação social e, na maioria das vezes, não foi pelos melhores motivos. Como sempre, na organização de um evento, ainda mais de um com esta dimensão, surgem intrigas e confusões, e quem se aproveita disso para ter posts de Instagram com mais visibilidade.

Mick Haupt

Importa, sim, fazer uma análise pós-evento do que foi verdadeiramente a Jornada em Lisboa, descrita pelo Papa Francisco como a mais bem organizada de sempre. Além de um terreno lindíssimo à beira do Tejo que, ao contrário de muitos augúrios, funcionou muito bem, foi a Jornada com melhor acesso à água potável. Importante salientar, foi especialmente inclusiva para pessoas com deficiências não só motoras, como audiovisuais. Não só tinham um setor no Parque Tejo adequado às suas necessidades, como intérpretes de língua gestual para os discursos e cânticos.

Também toda a organização dos eventos foi muito bem estruturada e pensada, incluindo bastantes elementos nacionais e mostrando a cultura portuguesa. Artistas como a Mariza, a Carminho e Tiago Bettencourt, a Cecília Rodrigues, um dos momentos mais bonitos da Vigília, marcaram a sua presença.

Os barcos que transportaram os símbolos da JMJ - a cruz e o ícone da Virgem - até ao Campo da Graça (Parque Tejo) eram barcos tradicionais portugueses e acompanhados por homens e mulheres com trajes tradicionais de pescadores. De salientar ainda o tapete de flores, tradição do norte de Portugal, que recebeu o Papa na Colina do Encontro (Parque Eduardo VII), realizado por 27 pessoas de Vila do Conde.

Durante 6 dias, a cidade encheu-se de peregrinos de todas as nacionalidades (exceto as Maldivas), também graças ao projeto das Igrejas Irmãs que proporcionou que 60 peregrinos de 24 nacionalidades diferentes, com dificuldades financeiras, participassem no encontro, financiados pela Diocese de Lisboa.

À margem dos Eventos Centrais, vários locais em Lisboa protagonizaram o Festival da Juventude, com concertos, teatros e palestras que reuniram milhares de jovens. Foi o caso do Estádio da Luz, do Terreiro do Paço, da Aula Magna, entre outros. Além disso, várias igrejas receberam encontros Rise Up durante 3 dias cujos temas eram: Ecologia Integral, Amizade Social e Misericórdia. À luz da Notícia do amor criador de Deus e do amor redentor de Jesus Cristo, os jovens puderam refletir nestes temas com a importância devida e adequando às suas próprias vidas.

Eu na JMJ 2023

A minha caminhada para a JMJ começou em 2021, quando o meu anterior pároco me convidou para ser a responsável pelo Comité Organizador Paroquial da minha paróquia. Esta seria a equipa responsável pela organização da Jornada na Paróquia, pelos peregrinos que acolhêssemos, pelos voluntários paroquiais que se disponibilizassem e pelos eventos que se realizariam.

No final de 2022, por motivos pessoais, tive de pedir ajuda e deixei de ser a responsável, continuando, no entanto, na equipa. No mesmo mês, chamaram-me para pertencer à Orquestra da Jornada Mundial da Juventude, que para mim era um sonho. Os ensaios começaram em Março deste ano e repetiram-se durante um ou mais fins de semana por mês. Além disso, consegui participar na passagem dos Símbolos, que correram Portugal, não na minha vigararia, mas na Vigararia da Amadora.

A duas semanas da Jornada, foi a minha vez de me ‘’Levantar e Partir apressadamente’’, o lema desta jornada à luz do exemplo de Nossa Senhora, sendo que nesse tempo apenas dormi uma noite em casa.

Não só tinha os ensaios gerais no Campo da Graça e na Colina do Encontro, de todos os eventos, como era co-responsável por um espaço da paróquia onde acolhemos cerca de 100 peregrinos (oriundos de Moçambique e Madagáscar), sendo que, ao todo, acolhemos 800 na nossa paróquia, com poucos voluntários, mas um grande espírito de serviço. Para terminar, estive na equipa de organização de um Rise-Up da realidade da Igreja a que pertenço: Caminho Neocatecumenal.

Pode pensar-se que no meio de toda esta azáfama teria sido impossível viver a Jornada. Acredito, no entanto, que isso não seja verdade e que graças à Organização Local quase todos os voluntários poderão ter participado não só nos Eventos Centrais, mas também noutros que preenchiam a cidade. Eu tive a oportunidade de assistir à Via Sacra, evento em que não toquei violino, visitar a Cidade da Alegria (em Belém) e estar presente na nossa Universidade, no momento em que o Santo Padre a visitou e escutar as palavras que nos dirigiu. Para além disso, estar nos eventos centrais, tão próxima do Papa, e poder ver os recintos cheios de peregrinos, num mundo que muitos dizem ter perdido o sentido de Deus, marcou-me imenso.

POOL

Palavras do Santo Padre

Depois de partilhar a minha experiência pessoal, gostava de dedicar um pouco de tempo às palavras do Papa Francisco que para uns mostram que a Igreja está a mudar, para outros, sinal do que sempre foi.

Encontro com os Jovens Universitários

''*Se quem recebeu um ensino superior – que hoje, em Portugal e no mundo, continua a ser um privilégio –, não se esforça por restituir aquilo de que beneficiou, significa que não compreendeu profundamente o que lhe foi oferecido*''

Na Universidade Católica Portuguesa, a nossa, o Papa convidou os jovens a preocupar-se com os desafios do futuro, destacando a questão do ambiente e a importância da participação da mulher na sociedade. Convidou-nos a todos a enfrentar estes desafios, restituindo à sociedade aquilo que dela recebemos. Além disso, incitou-nos a termos sonhos, a substituirmos os medos por sonhos, não procurarmos respostas fáceis, mas arriscarmos em soluções novas, mesmo que difíceis.

Cerimônia de acolhimento

''*O Senhor chamou-vos, não só nestes dias, mas desde o início dos vossos dias. Chamou-nos a todos desde o início da vida. (…) Ele chamou-nos pelo próprio nome.*''

Destacando a universalidade da Igreja, o Santo Padre enfatizou também a importância da relação pessoal de Deus com cada um e do seu amor por cada um de nós, na nossa individualidade, nas nossas imperfeições. Voltando a repetir o ''*Todos*'', com o eco de centenas de milhares de jovens, foca na chamada que Deus nos faz.

O Papa foca na individualidade de cada um, fazendo a anteposição a um mundo que parece muitas vezes tratar o ser humano como um número, como um consumidor, como apenas um rosto, uma carteira.

Via-Sacra com os Jovens

''*Jesus quer preencher o nosso medo, o teu medo, o meu medo… esses medos obscuros quer preenchê-los com a sua consolação. Ele espera impelir-nos a abraçar o risco de amar.*''

A Via Sacra foi o momento em que jovens católicos e não católicos puderam manifestar as suas angústias e sofrimentos face ao presente. Os vários jovens de nacionalidades diferentes do Ensemble'23 representaram os nossos medos de hoje encarnados no caminho que Jesus Cristo fez até à cruz.

A guerra, o desemprego, as alterações climáticas, as perseguições religiosas, políticas, a falta de proteção dos mais desfavorecidos e a crescente dependência do mundo digital foram alguns dos temas que tiveram no centro deste evento.

Respondendo à ansiedade dos jovens, o Papa que, na Universidade Católica, incitou a trocar o medo pelos sonhos, incita ao amor, a um amor que não é fácil, que não idolatra o outro, mas reconhece na fraqueza do outro a sua própria e que, por isso, inspira à cooperação, à paz e à fraternidade.

Vigília com os jovens

''Pensai numa pessoa que caia na vida, tenha um fracasso, cometa erros mesmo graves, sérios: achais que a sua vida acabou? Não! O que é preciso fazer? Levantar-se! Como recordação, quero deixar-vos o caso dos alpinistas (…) eles têm uma canção linda, onde se diz: «Na arte de subir a montanha, o que conta não é não cair, mas não ficar caído».''

O silêncio que cobriu 1 milhão e meio de pessoas à beira do Rio Tejo refletiu milhares de jovens que não só adoraram a Cristo, mas jovens de diversas religiões que se interrogavam sobre a sua vida, os seus problemas, defeitos e inquietações.

A todos nós, o Papa aconselhou a não termos uma posição conformista perante a vida. Incita-nos a levantar depois de cairmos, a espalhar a alegria por todo o lado, refletindo, no fundo, a mensagem de Jesus Cristo: ''Quem nunca pecou que atire a primeira pedra.''.

Que possamos levar as mensagens do Papa para a nossa vida, sejamos nós católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, ateus, agnósticos… A mensagem desta Jornada foi para todos, independentemente do credo, ainda que inspirada nas palavras de Jesus Cristo. É isto que se espera de nós sempre que caímos: um recomeço.

Missa de Envio

‘’*Queridos jovens, gostaria de poder fixar nos olhos a cada um de vós e dizer: não tenhas medo! Mas anuncio-vos algo muito mais belo: o próprio Jesus agora olha para vós, (…). E Ele hoje diz-vos, aqui em Lisboa, nesta Jornada Mundial da Juventude: “Não temam! Não tenham medo! Animem-se!”*. ‘’

A Jornada terminou com estas palavras do Papa que resumem tudo o que foi dito anteriormente. Assim, perante tudo a magnificência de tudo o que aconteceu, termino como São Tomás de Aquino "*mihi videtur ut palea*’’ (tudo o que escrevi não passa de uma palha para mim) porque nem mil palavras fariam justiça ao quão especial e profunda foi a Jornada Mundial da Juventude 2023 em Lisboa.

Vemo-nos em Roma ou em Seul!

Pittsburgh Post-Gazette

O Eclipse do Horizonte Moral Comum

POR NATACHA PERNAS

"All government, indeed every human benefit and enjoyment, every virtue, and every prudent act, is founded on compromise and barter. We balance inconveniences; we give and take; we remit some rights, that we may enjoy others; and we choose rather to be happy citizens than subtle disputants." Edmund Burke, Burke's Speeches and Letters on American Affairs.

Foi com os olhos postos na planície alentejana que, na imensidão do horizonte cujo fim não é discernível e a quietude é indiscutível, mergulhei no mundo literário no verão que em breve finda.

Ser companheira dos grandes nomes da filosofia na peregrinação em direção ao saber torna ainda mais célere o processo de consciencialização da nossa pequenez e, em simultâneo, incita à submersão em debates que fizeram com que esses autores se tornassem nomes incontornáveis nos grupos de debate e reflexão político-filosófica.

Diliff

A MEU VER

Edmund Burke, foi um dos selecionados para companheiro de jornada por, na sua obra, escrita há mais de duas décadas, trazer à tona questões fracturantes que hoje estão na ordem do dia e à qual não nos podemos abster de dar resposta.

A citação que dá início a este artigo remonta ao século XVIII, não perdendo por tal premissa a sua pertinência no contexto atual, na medida em que o autor prima pelo seu traço de "*avant la lettre*".

A passagem faz alusão a duas virtudes políticas: o compromisso e a prudência. Este duo de valores é apresentado pelo autor como a forma séria e sensata de estar na vida pública.

Portugal, inserido no espaço euro-atlântico, país à beira mar plantado, embora com delonga significativa, é atingido pelas crises e problemas inerentes ao regime democrático. Como bons cidadãos lusos, alheios ao conceito de antecipação e preparação, e fervorosos adeptos do "deixa andar" pouco ou nada tendemos a fazer para consolidar a democracia e a munir de coletes de força contras as demais ameaças.

Nos idos do seu cinquentenário, a democracia percebeu que, algo tão fatal quanto o destino, seria a chegada de um fenómeno a que foi atribuído o nome poético de "populismo". Tal como a morfologia permite depreender, é um movimento cuja essência se resume à oposição do "populus" às elites que, tornou irrevogável o processo de metamorfose e reconfiguração da arquitetura política de países nos cinco continentes e que sumariando

Os porta-vozes dos fenómenos assumem-se como o remédio infalível para os males da pátria enquanto aqueles que se propõem a opor capitulam em si mesmo o monopólio de os males.

O termo domina as manchetes jornalísticas, debates e conversas de café e, em virtude de ser pouco adepta da espuma dos dias não me debruçarei sobre a sua análise, colocarei no centro da reflexão os moderados e o seu papel enquanto fiéis guardiões do alicerce do regime: a liberdade.

A MEU VER

A missão dos moderados é infindavelmente exigente e complexa e a dimensão dos problemas que assolam o regime é diretamente proporcional à sua disposição para sair dos gabinetes e recusar ficar de braços cruzados perante os perigos que se avizinham no horizonte. A incompreensão face ao comportamento exótico dos eleitores evidencia o profundo desconhecimento da realidade e é o reflexo de forças políticas que, quando confrontadas com a escolha entre a realidade e a ficção, optam pela segunda.

A postura do executivo português ilustra na perfeição o que não deve ser feito: dividir o tabuleiro político nacional em dois em que de um lado reina o magnânimo e o virtuoso, que se opõe ao outro que reúne em si mesmo a causa de todos males.

Para que a democracia não seja capturada por trevas antidemocráticas o fosso entre "nós" e "eles" tem de ser transposto. A realidade assim o exige. Nenhum quadrante político proclamatoriamente se deve julgar dona do monopólio de defesa da democracia e conquistas a ela inerentes.

Projetos políticos que não se enquadram num plano moderado parecem aos olhos de muitos longínquos, embora o seu triunfo tenha tido lugar quando, passo a passo, medida a medida, sob um manto de leviandade se foram abrindo precedentes. Cada precedente inaugurado é uma fissura no regime gerado e um passo dado em direção à destruição do tecido democrático.

Uma curta observação da realidade torna evidente aos olhos de todos o desvanecimento do horizonte moral comum no xadrez político nacional. Com este chavão pretendo aludir para o conjunto de valores e princípios éticos que orientam o horizonte de ação das lideranças e cuja prossecução é tida como imprescindível.

No pós 25 de abril, os partidos do arco da governação (lógica quebrada em 2015 com a "queda do muro" à esquerda) – CDS-PP, PS e PSD-PPD – abraçaram o florescimento do regime democrático com altíssimas expectativas no futuro que este lhes auguraria e com as energias alentadas pelo apreço mobilizador em torno de um projeto coletivo de país.

Está no código genético dos fundadores do regime o reconhecimento do peso do legado que carregam, embora alguns insistam em se olvidar do seu lugar e papel no mapa político.

Giammarco Boscaro

A MEU VER

O menor denominador comum no pós 25 de abril era vasto: a defesa da liberdade, justiça, direitos individuais e dignidade humana.. O alcance de uma sociedade alicerçada na defesa desses valores assentava no pressuposto de que existiam princípios que constituíam um "common ground" entre as demais forças políticas e que o diálogo devia ser o catalisador da mudança.

Embora a observação da realidade pareça indicar o oposto, a política é nem mais nem menos do que a arte de negociar.

Negociação não é sinónimo de inexistência de liderança ou subtração dos interesses nacionais da equação decisória como a doutrina Thatcheriana em tempos alvitrava. A riqueza da democracia assenta no pluralismo e pluralidade de perspetivas, ângulos de visão.

Em prol de um fim último é inevitável a concessão de cedências, prática que assenta numa lógica de reciprocidade.

A negociação e o consenso propiciam o cruzamento de fronteiras ideológicas, a procura de afinidades nas diferenças e de convergências nas divergências. A ideia de que o telos dos partidos é meramente um meio através do qual o poder é preservado é uma profunda desvirtuação do próprio conceito de poder.

Num contexto como o atual, na presença de uma maioria absoluta, é imprescindível a existência de pontes comunicacionais entre o partido da governação e os partidos da oposição, que permitam que o clima político se torne mais ameno e a realização de reformas exequíveis.

Os tijolos do muro derrubado há oito anos foram agora mobilizados para a construção de um outro que divide a esquerda e a direita. A negociação, enquanto processo no qual se expõem os antagonismos e as concordâncias, é nada mais do que uma manifestação da saúde democrática e não um obstáculo à prossecução de um projeto de país que, lamentavelmente, parece ser inexistente na conjuntura vigente.

A maioria absoluta conquistada nas urnas em janeiro do passado ano traçou uma trajetória de dialogante a arrogante fazendo inflamar aquilo que se propôs a dizimar: os populistas.

Somam-se os projetos de lei chumbados da oposição a que se procedem iniciativas do mesmo teor, espelhando assim o estabelecimento de fronteiras rígidas e delimitação do horizonte de negociação – prática cara a regimes alheios a práticas democráticas.

A MEU VER

Mas afinal não é na moderação que está a virtude? Os problemas nacionais só são resolvidos quando é colocado em marcha o binómio inteligência – razão e a ideologia é colocada na gaveta.

Para figuras de referência que participaram, testemunharam e intervieram em períodos decisivos da construção do regime democrático em que se incluem Mário Soares, Francisco Sá Carneiro, Francisco Lucas Pires e Diogo Freitas do Amaral, era indubitável a seguinte premissa: o valor primordial a preservar e pelo qual décadas se bateram era a democracia.

Foi por estes entendido que, a combinação equilibrada entre a estabilidade política e o crescimento económico, sem deixar de lado o compromisso com a justiça social, só seria viável em Portugal se a governação se inserisse num plano moderado.

Os que hoje ousam olvidá-lo desonram o legado herdado dos fundadores do regime cuja ação se pautava pela ética da convicção e da responsabilidade.

É clarividente que a política é um espaço onde tem a lugar uma luta titânica entre o bem e o mal e que a prossecução de um projeto em detrimento de outro implica o triunfo nas urnas e, em jeito de corolário a derrota daquela que a esta se opôs. Apesar disso, é indispensável que exista um consenso entre as forças democráticas sobre a natureza e telos do poder: tem de estar ao serviço, subordinado a propósitos claros e não pode ser usado como um fim em si mesmo.

O legado do passado consiste na preservação da herança democrática e inerentes conquistas, sem obliterar a fragilidade e reversibilidade das mesmas. É imprescindível para tal que as forças democráticas resistam à tentação de usar e sacrificar o poder por objetivos menores.

A bússola política nacional há muito que perdeu o norte e o alfa e ómega da equação política desvirtuam diariamente o legado Burkeano.

Não ousem os democratas conferir opacidade a uma linha que há cinco décadas se tornou nítida. É cedo para saber o desenlace que a inação propiciará, não obstante um axioma é certo: nada ficará como dantes.

Rey Seven

Cuba, o Estado Falhado Mais Bem-Sucedido

POR XAVI RAMOS

"Just how can a small, Caribbean island, underdeveloped by centuries of colonialism and imperialism, and subject to punitive, extraterritorial sanctions by the United States for 60 years, have so much to offer the world?" - Helen Yaffe (2020)

Há mais de 60 anos que Cuba é um país polémico e muito discutido, quer por políticos, quer por pessoas comuns que têm maneiras distintas de ver o mundo, daí resultarem visões diferentes sobre a pequena nação caribenha. No entanto, há uma narrativa que se mostra predominante sobre a outra, quase como hegemónica, e essa é a narrativa de que Cuba é um país falhado, que consequentemente é a prova de que o socialismo não é fazível e que experiências com o mesmo não são recomendadas. Porém, será que esta narrativa tem algum fundamento? Será apenas propaganda? Ou será algo entre os dois?

Daniel Seßler

A MEU VER

Bem, é a isso que vou tentar responder ao apresentar a minha pesquisa e opinião sobre o assunto, da forma mais nuançada que conseguir.

Convém fazer um breve desvio para explicar a história de Cuba porque, não só podem haver leitores ignorantes desta, como também pelo motivo de o contexto histórico ser essencial em qualquer análise sobre um país.

Cuba era, até ao fim do século XIX, uma colónia espanhola, estatuto que vinha desde os descobrimentos ibéricos e da conquista espanhola da América, até à invasão estadunidense à ilha, no âmbito de reforçar a hegemonia americana no Continente. Desde aí que Cuba era uma neo-colónia dos EUA, com a sua economia e governo controlados, quer diretamente, quer através de proxies, de forma a alinharem-se aos interesses americanos.

Antes da revolução, nos anos 50, a ilha era um dos países mais ricos da região e era controlada pelo regime corrupto e não democrático de Fulgencio Batista. Apesar de ser um dos países mais ricos da região, estava em colapso económico, o que, aliado à gritante desigualdade, gerou um popular sentimento anti-governo, o que contribuiu para que este fosse derrubado pelos revolucionários comandados por Fidel Castro no primeiro dia do ano de 1959.

Após a implementação de medidas de coletivização, de industrialização e de nacionalização de negócios nacionais, como também dos controlados por estrangeiros, o novo governo revolucionário levou a suspeitas por parte do vizinho. Todavia, o que mudou as relações entre os EUA e Cuba, sendo os seus efeitos ainda sentidos hoje, foi o estabelecimento de contactos e de acordos comerciais com a URSS, a grande potência socialista antagónica aos EUA, levando estes a impor um embargo parcial à ilha revolucionária.

Outro acontecimento importante foi a tentativa de derrubar o governo revolucionário por parte de cubanos exilados na Flórida, com apoio dos EUA, em 1961. Isto marcou para sempre a ilha, porque, após a invasão falhada, Fidel declarou que Cuba era oficialmente um país socialista, intensificando contactos com a URSS e levando os EUA a apertar ainda mais o embargo. Daí resultou a famosa crise dos mísseis cubanos, em 1962.

Como já referi anteriormente, Cuba revolucionária tentou implementar medidas de diversificação económica que não foram bem-sucedidas, o que levou Cuba a ficar novamente dependente do açúcar e de um só país. Porém, agora, em vez de serem os EUA, era a União Soviética, em acordos benéficos para Cuba.

Cuba não teve sempre o mesmo modelo económico, tendo havido intensos debates internos no que toca a tal. No entanto, a ilha evitou crises que os outros países da região sofreram nos anos 70 e 80, como as crises petrolíferas, e nos anos 80 tinha um PIB per capita acima da média da região, bem como um IDH mais alto que a maioria dos seus vizinhos latinos. No que toca a outros indicadores, a revolução também levou a bons resultados. Cuba, antes da revolução, apesar de ter um dos melhores sistemas de saúde da América Latina, o mesmo era inacessível para a vasta maioria da população, quer economicamente, quer geograficamente. Com a Revolução, o acesso foi largamente expandido, mantendo a mesma qualidade. Além disso, em 1958, a expectativa média de vida de Cuba e Portugal era virtualmente iguais, sendo a de Cuba, em 1985, já era superior à portuguesa por mais de 1 ano.

Na educação, a Revolução também alcançou grandes feitos, como a campanha de literacia dos anos 60, que reduziu a iliteracia e tornou Cuba, em 1962, num dos países mais literados do mundo, com 96% de população alfabetizada. Outra conquista neste campo foi, também, o aumento drástico do número de crianças inscritas na escola, sendo 56% em 1953 e 88% em 1970. Para comparar, em Portugal, no ano de 1974, um quarto da população ainda era analfabeta.

Elio Delgado Valdes

Com isto não quero dizer que foi tudo perfeito e incrível, tendo havido repressão de opositores e também de homossexuais (apesar de Cuba ser, atualmente, campeã dos direitos LGBT+). No entanto, como todos sabemos, estes não foram os únicos percalços que a revolução enfrentou. Como já disse, Cuba foi embargada pelos EUA. Ainda assim, os efeitos do embargo foram mitigados pelos acordos comerciais favoráveis de que Cuba gozava com a URSS e com o Bloco Socialista. Mas, em 1989 e 1991, como toda a gente sabe, o Bloco Socialista desabou e com ele pensava-se que também Cuba abandonaria o ideal socialista. Apesar das grandes dificuldades, Cuba não caiu.

Realço, no entanto, que não se pode subestimar o efeito positivo que o acordo comercial com a URSS tinha na economia de Cuba (estima-se que, se este tivesse continuado, o PIB per capita de Cuba seria substancialmente maior nos dias de hoje). Com o seu fim, a economia colapsou. Como se o fim desse acordo não fosse mau o suficiente, o embargo americano foi reforçado através do Cuban Democracy Act (1992), o qual permitiu aos EUA sancionar terceiros que efetuassem trocas comerciais com Cuba.

Com isto, a economia de Cuba e o seu povo sofreram bastante: o PIB decresceu 35% e houve uma descida de 80% em importações e exportações. Após este desastre, deram-se reformas de mercado, assim como a abertura ao turismo para combater a crise.

Apesar dos esforços, Cuba nunca mais foi a mesma, o IDH estagnou e a desigualdade aumentou. Não obstante, foram feitas melhorias em diversas áreas nas últimas décadas em importantes indicadores, como habitação, educação, saúde e igualdade de género. Cuba alcançou todos os MDGs (MIllennium Development Goals) e quase todos os SDGs (Sustainable Development Goals) da ONU, tendo sido um dos países mais bem-sucedidos no que toca a alcançar estes objectivos.

Hoje em dia, Cuba é também admirada pelo seu sistema de saúde altamente eficaz, universal e gratuito, que, devido às restrições comerciais do país, se foca essencialmente na prevenção. Este atinge indicadores comparáveis aos serviços de saúde de países mais ricos e desenvolvidos.

Aliás, Cuba está mais bem posicionada que os EUA em alguns indicadores, nomeadamente na expectativa de vida, apesar dos EUA investirem proporcionalmente mais dinheiro na saúde, terem os melhores médicos do mundo e o equipamento mais avançado do planeta. Cuba também mantém um dos melhores ratios de mortalidade infantil e maternal do mundo, entre outras valorosas conquistas. Isto, devido ao facto dos serviços de saúde serem considerados direitos fundamentais em países socialistas. Como se isto não bastasse, Cuba ajuda medicamente 66 países internacionalmente.

Sobre a educação, Cuba tem um ensino gratuito e de qualidade, sendo dos melhores, se não o melhor, da América Latina. A ilha também apresenta uma literacia de 99% e, fazendo justiça ao seu internacionalismo, ensinou mais de 10 milhões de pessoas a ler em mais de 30 países, através do programa "*Yes, I can*". O país caribenho também apresenta outros indicadores muito positivos, como ter apenas 1.9% de desemprego, 90% da população ter pelo menos uma casa e ser dos países com mais representação de mulheres no parlamento.

Ainda não abordei as duas maiores críticas que se fazem a Cuba: a questão da fome e a questão da democracia. A questão da fome está intrinsecamente ligada à crise que Cuba enfrentou nos anos 90, como já expliquei previamente. Contudo, a ideia da fome em Cuba persiste, ainda que esta não tenha qualquer fundamento, podendo afirmar, categoricamente, que, dos milhões de pessoas que morrem à fome no mundo, nenhuma delas morre em Cuba. Citando o World Food Program: "*Over the last 50 years, comprehensive social protection programmes have largely eradicated poverty and hunger. Food-based social safety nets include a monthly food basket for the entire population, school feeding programmes, and mother-and-child health care programmes. Although effective, these programmes mostly rely on food imports and strain the national budget*". Isto, no entanto, não quer dizer que não existam problemas, havendo, em Cuba, uma alta percentagem de crianças a sofrer de anemia, devido à dieta cubana ser pobre em vegetais e micronutrientes, estando o governo a trabalhar para resolver este grave problema, de acordo com o WFP.

Adalberto Roque / AFP via Getty Images

É também de notar que Cuba, apesar de ter uma agricultura eficiente (por necessidade de combater o embargo), baseada em cooperativas (agricultura participatória) e policulturas, continua a sofrer da utilização de tecnologia obsoleta (também devido ao embargo) e de desastres naturais recorrentes (apesar dos grandes avanços de Cuba relativamente à mitigação climática). Apesar destes problemas, reitero que Cuba não passa fome, essa ideia não passa de um meme proveniente da crise que Cuba passou à décadas. Na verdade, o consumo calórico diário em Cuba é igual ao de Espanha (3334 por dia) de acordo com o Our World in Data.

Por último, falta abordar o "problema democrático". Apesar de Cuba não ser uma democracia liberal, isso não faz de Cuba um país não-democrático. Nada obstante, a questão de Cuba ser democrática, ou não, é altamente discutível, havendo quem diga que esta é mais participativa que muitas democracias liberais (evidenciando a Constituição de 2022 e a larga participação que esta teve na sua elaboração) e quem diga que esta não é democrática por apenas permitir um partido. Eu não participarei nesta polémica devido a esta não contribuir para chegar ao objectivo a que me propus, aquele de averiguar se Cuba é um estado falhado ou não.

Para concluir, falta responder à questão inicial, a de se Cuba é, ou não, um estado falhado. Eu penso que não necessito de responder à questão, os leitores provavelmente já terão chegado a uma conclusão por este andar, seja ela qual for. No entanto, para tornar claro, penso que, se Cuba for um Estado falhado, então é, como o título indica, o Estado falhado mais bem-sucedido. Apesar de tolerar outras opiniões, não as respeito por achar que é uma falta de honestidade intelectual. Com isto, não quero dizer que não respeito quem não goste do regime cubano, nem do seu sistema político, esse é um assunto completamente diferente. Porém, não aprovar um sistema político não faz dele um país falhado, porque, pela mesma lógica, alguém que desgostasse do sistema político da Inglaterra poderia afirmar igualmente que este se tratava de um país falhado, o que não faria sentido algum. A mesma lógica se aplica a Cuba que, apesar de não ser um país desenvolvido e muito menos uma utopia, é um país relativamente desenvolvido comparativamente aos seus vizinhos latinos, apresentando indicadores sociais surpreendentemente bons, os quais conseguiu atingir (e melhorar nas últimas décadas) com a vida bastante dificultada pelo o embargo (condenado pela vasta maioria da comunidade internacional) e sem ajuda do Ocidente.

(Cria)tividade

The Winter flowers #7

Pedro Cabrita Reis

Papéis de Verão

POR RODRIGO LEITÃO

O Verão, para um universitário, é a promessa nunca realmente concretizada de programas, projetos e o estimado dolce far niente. É um período em que enjoying goza de um caráter especial pela temporariamente irrestrita possibilidade de prolongamento - '*também não tenho nada para fazer!*', clama o universitário, sentenciando-se com um encolher de ombros e um sorriso mais ou menos forçado.

Ora, para mim, este universo de possibilidades é inevitavelmente placado e esbofeteado pelo calor, essa praga que São Pedro liberta sobre este país e que o transforma, de facto, na *ocidental praia Lusitana.*

Matusalem Marques

Não espanta que os países do Sul não saiam da cepa torta. Se eu mal tenho cabeça para me desenvolver com o calor seco em Tomar, não censuro os Africanos; se a humidade tropical (colonial?) dos últimos dias me atrofia o espírito, não estranho que a América Central e Latina continue a ser o regabofe de sempre. Montesquieu explica.

Decidi por isso este ano anotar no que tivesse à mão algumas das curiosidades que constatei, com maior ou menor graça. Às vezes era um caderno, outras as folhas de jornal ou as bases de papel que as tascas deste país alicerçam a um prato de sardinhas ou de arroz de polvo. Foi tanto um exercício de diletantismo como uma tentativa de libertar a cabeça da anemia mental que o Verão me provoca.

9 a 11 de Julho - **Festa dos Tabuleiros, Tomar**

A nossa sorte foi ter apanhado o comboio em Santa Apolónia, porque no Oriente deixou de haver lugares sentados. Daí para a frente foi sempre para trás, sobretudo a partir de Santarém: a cada terrinha, mais uma enchente de passageiros e os inevitáveis comentários gastos sobre como deviam reforçar a linha nesta altura, acrescentar mais carruagens, etc. As pessoas ladram, a composição passa.

À saída da estação, em Tomar, fomos cumprimentados pelo bafo seco do calor ribatejano e pelos gritos de '*Estou aqui!*' e '*Olhó saco!*' que se destacavam do roçar das calças e farnéis. Em frente ao edifício da bilheteira, uma família com bronze trigueiro tinha montado umas mesas desdobráveis e, sobre toalhas de plástico, estavam folhados, tartes e vinho. Tudo muito castiço, que me lembrou por contraste do '«pic-nic» de burguesas' de Cesário:

"*Pouco depois, em cima duns penhascos,*
Nós acampámos, inda o Sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão-de-ló molhado em malvasia."

Vimos o cortejo da varanda de casa dos meus avós na companhia da D. Arlinda e família, os seus vizinhos de baixo. D. Arlinda, nabantina, comentava o alívio de ver a Festa declarada Património Cultural Imaterial de Portugal, que assim fica protegida de invenções: "*isto não estava muito longe de os ver de calças de ganga, digo-lhe! Mas agora, veja - 'tá muito fino!*". E, no entanto, muito mudou.

À porta do prédio, umas pickups estacionadas com as mesmas mesas e cadeiras de praia desdobráveis eram palco de almoçaradas, lanches e coparias na caixa aberta. Os lavradores, porque não há dúvida que o eram, tinham os rissóis, croquetes, empadas e pataniscas do costume. O arroz vinha em dois tupperwares enormes, ao lado da inevitável geleira das minis com Somersbys para as meninas. Estamos em terras de Sagres, e o povo faz-lhe justiça. Já o mesmo não sucede com o comércio local, rendido às vantagens de umas Stella Artois e Estrella Damn, desejosas de abocanhar o mercado deste trendy país. Mas debaixo das boinas dos rapazes nas pickups, para minha surpresa, não vinha fumo de Ventil. Pavoneavam antes o reflexo do Sol na porcaria das máquinas, platinado exemplo de sofisticação citadina. The future is now.

Os restaurantes de sempre taparam os menus para oferecer os 'menus especiais' da Festa, iguais em tudo exceto no preço. Um restaurante com varanda para a Praça da República, onde é o içar dos tabuleiros, vendeu almoços panorâmicos a partir dos 200 e tal euros. Estava cheio, evidentemente, de *bifes*, *boches* e *franciús*.

Muitas tascas e restaurantes que conheci em pequeno já não existem. Foram substituídos ora por restaurantes com variáveis pretensões de serem "*chiques a valer!*", ora por lojas de kebabs com as múltiplas combinações possíveis: kebab & pizza, kebab & burguer, alguns os três. Eu já era nascido quando o McDonald's chegou a Tomar e lembro-me do meu avô Beto a comer um Big Mac de garfo e faca com uma Avó Vira muito suspeita a tentar perceber o encanto que teria em relação à pescada do costume.

Até na Várzea Grande, o terreiro em que os cantores mais ou menos pimba que fazem o circuito das festas de Verão atuaram, a Matilde notou os efeitos da gentrificação nas roulotes: entre a 'Pizza Vadia' e a 'Dona Bifana' estava a 'Maria Croissant', todas com aquele ar muito particular das lojas criadas em 2019 com estética de comerciante de bairro. Conseguem-no, mas de maneira muito postiça - são dignas sucessoras da Padaria Portuguesa. Também no preço se nota a qualidade dos discípulos. Felizmente, numa das ruelas atrás havia uma banquinha como deve de ser onde o vinho e a cerveja eram mais baratos que a água. "*Água é para os canos, o resto é para os homens.*"

Mas, para meu conforto, algumas coisas ainda se mantêm. A Bela Vista continua a ser o mesmo. As delícias de ananás das Estrelinhas continuam a não chegar à tarde. Enquanto esperamos pelo grande evento, os bêbedos tropeçam-se para fora do caminho da polícia. Os ciganos apregoam garrafas de água, chapéus e bancos de plástico, que carregam em carrinhos de mão. As velhotas competem para ver quem arranja a maior chico-espertice para se adiantar nas filas que ladeiam a estrada. A família por lá continua, cada vez maior, bem como a farmácia. Tomar pode ter mudado, mas os Tomarenses são os mesmos.

10 de Agosto - **Em Lisboa, S. João de Deus**

O Pe. Robson, na homilia, apresentou as Jornadas com uma campainha, ou gongo. Na Missa são utilizados para sinalizar um momento de especial solenidade e despertar para a reverência. Pois também as JMJ nos despertaram do mundanismo, da apatia, da indiferença, para a fé, a comunidade, a Igreja.

Que bonita imagem.

20 de Agosto - **No comboio para Caíde**

Um ecrã pendurado no teto demonstra uma das melhores janelas para a vida neste país: os canais regionais.

Espinho TV, AltoMinho TV, Vale do Sousa TV, Centro TV, etc. Todas mostram as festas, procissões e romarias das padroeiras: N. Srª do Mar, N. Srª da Agonia, N. Srª da Guia, N. Srª da Assunção. País mariano este, e ainda bem. Nas Jornadas, bastava o Santo Padre olhar para Nossa Senhora, ou invocar a nossa Mãe do Céu, que começava a lacrimejar.

"*Ó glória da nossa terra,*
Que tens salvado mil vezes!
Enquanto houver Portugueses,
Tu serás o seu amor!"

And now, for something completely different: no mesmo ecrã, previsivelmente, passava bastante publicidade institucional da CP, sobretudo do Comboio Histórico do Douro. As imagens são todas muito bonitas, civilizadas, com o charme próprio de uma locomotiva a vapor. Chu-chu!

Sofia Garcia

Azar dos Távoras, vi na mesma semana uma reportagem na RTP - num daqueles programas que passam a meio da tarde com as notícias regionais, que têm por sinal bastante mais graça e interesse que os tudólogos e comentadeiros do costume a regurgitar as banalidades de sempre durante horas - sobre esse mesmo comboio. E o que se via era um comboio cheio como o de Tomar na altura da Festa dos Tabuleiros, e cheio de cebolada no less. Se ponto final faltasse, uma das entrevistadas confessou que "*É bom podermos vir em pé, assim viemos os oito que sempre é mais divertido.*" Eles que se divirtam de pé, então. Está tudo dito.

30 de Agosto - **Num banco no Chiado**

À espera de dois amigos, folheio o jornal que comprei na papelaria do Metro. Confesso que tenho sempre um pé ligeiramente atrás com estas lojas. A maioria tem um ar tacanho, cheia de posters a pregar o quão baixos os preços são, com imagens de banco de uma qualquer rapariga bonita. Obviamente que não há nada de remotamente próximo com as raparigas e senhoras que vagueiam entre contentores marcados como de 1, 3 e 5 euros. Com as papelarias, a menina bonita é substituída por milhentos cartazes com a mais recente coleção de porcarias de plástico mascaradas como 'de coleção' e o sempiterno aviso de que não aceitam Multibanco.

Gosto de comprar o Jornal de Letras e os cigarros na papelaria da Cidade Universitária. As senhoras são simpáticas e já estão a registar o Português 100s quando passo a porta. Mas *I digress*.

Achei curioso que uma jornalista, ao escrever sobre a devolução de peças do Smithsonian, note que "Em Portugal, a reflexão em torno deste tema ainda não produziu efeitos significativos, mas noutros países da Europa e, sobretudo, nos Estados Unidos, está mais adiantada, embora a restituição tarde, em muitos dos casos" (itálicos meus). Evidentemente que é uma questão de tempo até fazermos a ação certa e devolver. A autora nem dá espaço para desacordo. Na bela tradição lusitana de ver em Portugal a 'choldra' do Eça, mas sem qualquer da graça, charme ou génio deste, o pressuposto da autora é o de sempre: somos um país atrasado e de atrasados, mas com tempo e segura liderança por parte de iluminados como esta excelsa senhora, também nós veremos o bom caminho. E lá iremos, de vitória em vitória até à derrota final.

(CRIA)TIVIDADE

Primeiros dias de Setembro - **No IEP, chegados de novo**

Eis-nos de volta para mais um ano. Vai ser o meu quinto nesta casa, e começo a estar em perigo de pouco saudável dependência - como aliás de quase tudo o que gosto. O mundo lá fora é sombrio, estúpido e bruto. Ao passo que a Infante é quente, confortável e civilizada.

O ano que entrou no meu último ano de curso vai agora acabar o seu. É curioso como a conversa dos caloiros segue quase sempre pelos mesmos caminhos. É monarquia-república, é esquerda-direita; e neste último, sempre pontuado pelos já habituais 'ah não sei, ainda quero perceber mais sobre o assunto.' Como se os valores e ideologia fossem a escolha entre um eletrodoméstico da Siemens ou da Bosch.

Cá estão o Fonseca e a santa D. Isabel, naquele recanto escondido que guarda uma das melhores partes de ser português. O Sr. Kumar, todo orgulhoso do novo e expandido *Big House Kebab*: no dia da receção aos novos alunos fomos lá parar e ele comentava, agarrado à barriga, "*Deu muito trabalho! Três anos sem folga, das dez e meia às duas!*". O Pérola e o omnipresente bitoque, agora sem o Sr. Ferreira. Ganham as meninas, perde a piada.

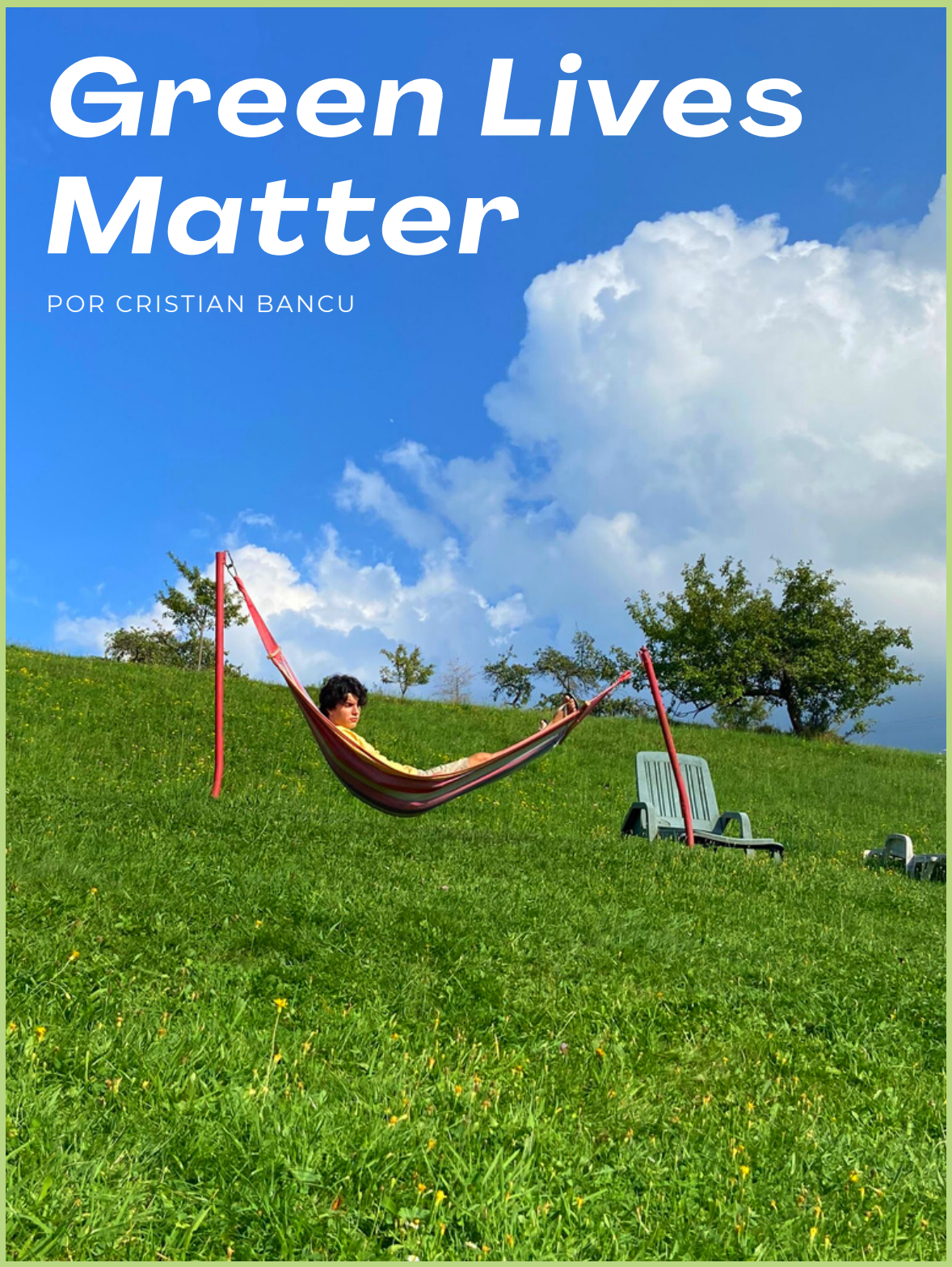
E, de resto, tudo igual. As confusões com o número na sala, os diletantes do costume na Infante, os aplicados do costume na Churchill, a máquina de café, verdadeira estrela do corredor logo após o staff do Instituto, e os professores iguais a si mesmos. Os boletins apontam para a previsível extinção dos laços daqui por uns tempos.

O maior número de estrangeiros pela universidade traduz-se em geral na perda do aprumo no vestir, no selvagem hábito de almoçar pelo meio-dia e nas tretas da interseccionalidade da opressão. Bem sei que a presença de forasteiros é um dos indicadores de qualidade para inglês ver; mas demais é demais. No fim de contas, o edifício da SBE existe para que eles se possam lá concentrar, dar palmadinhas nas costas uns dos outros enquanto discorrem sobre banalidades como 'gestão na perspetiva de pessoas' e outras coisas vulgares como o dinheiro. Com o novo edifício, suspeito, a Senhora Reitora espera poder afastá-los para o outro lado da estrada. Faz muito bem.

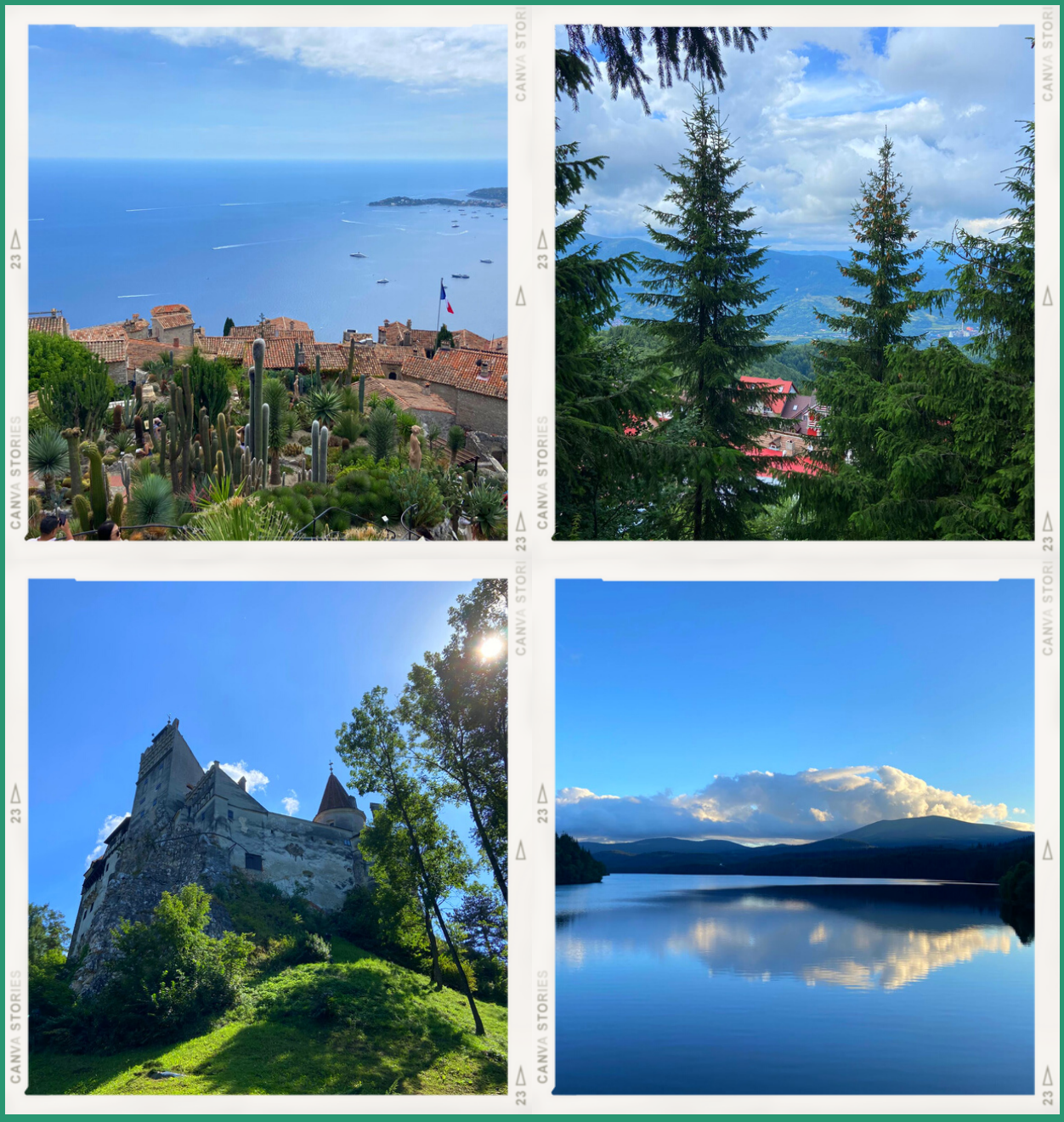
Diário da República

Green Lives Matter

POR CRISTIAN BANCU



Cetatea Dacică
de la Bănița
Pestera
Bolii



CANVA STORIES
INVITATION

espaço cultura

O Sazonal Recrudescimento do Ser: The SonicBlast

POR MARTIM DINIS

Este é um lugar de todos.

Onde Punks, Metaleiros, Alternativos, Mundanos, Rotineiros, Desertistas, e até Betos lepianos, podem coexistir, asceticamente, sobre o mesmo teto musical. Um safeheaven que, ao contrário da deficiente realização de alguns, não é apenas frequentado pelos habituais amantes de Stoner Rock (ou subgéneros flutuantes do Rock Psicadélico).

Através da sua tamanha eloquência de espírito, é permitido um significativo contributo para a economia local de Vila Praia de Âncora, que abraça, com bons olhos, todos os peregrinos sazonais que, assim como eu, procuram o recrudescimento do seu ser.

1. Solar Jam

Duas da tarde.

Seguiram-se os nigerinos (a não confundir com nigerianos) Etran de L'air, diretamente provindos de Agadez, capital africana do fashionable Desert Blues. A primeira de três bandas que viriam a constituir uma das peças fundamentais à existência de um cartaz vincadamente eclético e além-fronteiras.

Contudo, o Stoner Rock referencial não demorou a comparecer. Primeiro, às mãos dos carismáticos norte-americanos Sasquatch, e mais tarde, sob controlo das lendas conterrâneas, Acid King, que patentearam um lugar vital no desenvolvimento do género. Para a maioria dos festivaleiros (seguindo eu próprio a regra), e à semelhança de qualquer outra banda de culto dentro deste universo estilístico, foi um momento notável, trazendo, à rede honorária, o porta-estandarte de "*Electric Machine*" ou "*2 Wheel Nation.*"

sugestões

Devido ao atraso do seu voo, as norte-americanas Death Valley Girls sacrificaram a sua atuação à encarnação lunar. Acredito, pessoalmente, que o percalço teve mão divina, já que cristalina maquilhagem das californianas, musicalmente saltitantes entre as entidades do Gótico, Punk e Garage, em nada correspondia com a atualidade diurna. Em modo de substituição, foi o disfarce desaprimorado de cada elemento dos Mythic Sunship que encenou, de forma natural, uma afeição destacada ao sol ancorênse.

O pequeno estado de espanto existencial dos dinamarqueses ao atuar no palco principal foi percetível. Todavia, ainda que não tenham surpreendido pelo mais sobressaído sentido da palavra, ninguém levou a mal a bela hora de razoável Rock Psicadélico que por ali se enfrentou.

Estavam-nos só a preparar para o início das verdadeiras hostilidades.

Quando dei por mim, residia distintamente edificado na front row do palco secundário, regado de brutais e infindáveis mosh pits que, ao deflagrar sobre gritantes murmúrios dissonantes, lembravam, especialmente aos mais desatentos, a crua letalidade do Hardcore Punk.

Eram os Spy, "*from fucking Bay Area*", pela primeira vez em terras lusitanas.

Provenientes do mesmo conjunto de costelas californianas, a segunda parte desta brutal incursão foi encabeçada por Keith Morris, membro fundador dos Black Flag, uma das mais importantes bandas da história do Punk. A energia cinética dos Off! disparava por todos os lados, rebentando quaisquer paredes de compreensão racional. Keith era o *snakecharmer* e nós os ofídios, numa singular dança de anarquia controlada e pura euforia sob forma de *crowd surfing* (ou, se quiser ser mais certeiro, em forma de chuva de membros superiores e inferiores).

"*By any means necessary, slice up the pie!*"

sugestões

Pensei, à luz dos olhos de outrora, que a imaginária entrega do prémio de melhor atuação era uma de elevado risco, dada a promiscuidade da decisão. Mas a intuição estava afinada, foi mesmo o mais memorável concerto de todo o festival.

De modo a acalmar os ânimos, vieram os suecos Hällas, quinteto de dinâmica inspiração entre o Rock Progressivo, o Metal Clássico e o Folk Contemporâneo, todos bem-assentes na arte do flowered lyricism, sendo esta uma das bandas mais aguardadas desta edição. "Star Rider", "*Hällas*", "*The Astral Seer*", "*Carry On*"… You name it! Foram hits atrás de hits, marcando uma viagem alucinante de pura ancianidade em tempos de hodiernidade.

Do ascético astral, fomos para a necrose *quasi* mortal dos alemães Kadavar, estrelas simbióticas do Heavy / Stoner Rock. Se o termo "constância" define a carreira do trio berlinense, poderá certamente circunscrever, de igual forma, a sua atuação.

Diretos ao assunto, os alemães não deram espaço à monotonia, enunciando uma apurada coleção de melódicas harmonias ensanguentadas pela ferocidade da sua criação.

"*Cause the time has come to make things right.*
Die, baby, die."

Foram os californianos (e, da minha parte, extremamente aguardados) Deathchant, que encerraram a noite, com um deslumbrante ecstasy de adrenalina, misticismo e pura selvajaria, em formato de Heavy Psych, Doom Metal, ou lá o que lhe queiram chamar. Quando dei por mim, já a música desvanecia numa sinistra e penetrante quadratura de semibreves. Ficava, o meu espírito, numa das melhores atuações do festival. O meu ser físico, por outro lado, transportar-se-ia para o segundo dia do SonicBlast.

sugestões

2. Catastasis

Respeitando os limites deste meu ser físico, o segundo dia foi contemplado por uma agradável e relaxada visita à praia de Vila Praia de Âncora. Adormeci de tal forma à sombra da vegetação litorânea que assisti, de olhos fechados e em formato 4D, às atuações do início de tarde. A música do festival ricocheteava nos pequenos edifícios soldados à praia, fazendo com que os gregos Naxatras, brâmanes do Ambiente Psicadélico, e os californianos Monarch, iadus do Rock Psicadélico, me levassem para um universo naturalmente DMTiano, ainda que estivessem, acredite-se, a 10 minutos de distância.

Mesmo assim, como distinto membro do patronato dos que "não conseguem não aproveitar todas as migalhas que um festival oferece", decidi que devia reencaminhar-me ao sítio onde tudo começou. Regressado, fui galardoado por uma energética contribuição dos Mondo Generator, um dos projetos de Nick Oliveri, ex-baixista dos lendários Kyuss e Queens of the Stone Age, e costumeiro convidado do festival. No ano passado também o vi, mas vestindo a camisola de outro projeto, mais na praia do próprio nome da banda: Stöner.

No preciso segundo em que acabavam de tocar um dos mais emblemáticos hinos do Stoner Rock, "Green Machine" dos Kyuss, subiu ao palco adjacente o nigerino Omar Moctar, internacionalmente conhecido por Bombino. Foi uma delas peças que, tal como referi anteriormente, trouxe um distinto e flavoureado tom de ecletismo a esta edição. Mais elétrico que os compatriotas do primeiro dia, mas igualmente interessante, dando tempo para jantar e alocar na front row do palco ao lado. Vinham aí os Scowl, uma das bandas mais promissoras de toda a cena Hardcore norte-americana.

Encabeçada pela vertiginosa Kat Moss, o concerto foi recheado de benévolos mosh pits e de uma divertida mistura entre o Hardcore e diversas tiradas de Pop Culture Americana, quer na estética, quer na música. Estava consagrado o hattrick do Universo Hardcore, pelo bem do festival e do ecletismo.

sugestões

Eu sei, devia ter aproveitado os cinco minutos de intervalo entre atuações para conluiar o nervosismo inerente, mas só me restou abraçar a minha namorada e preparar-me para ver o nome mais significativo desta edição: Thurston Moore, mítico vocalista e guitarrista dos Sonic Youth, e o seu Grupo (com G grande, sendo que Debbie Googe, baixista dos My Bloody Valentine, também lá estava). Foi exatamente o que esperava e, mesmo assim, não consegui deixar de me emocionar pelo quão especial foi. A guitarra de Thurston bamboleava e balbuciava riffs de pura ternura esquizofrénica.

A idade não só lhe trouxe ternura, como manteve o seu magnífico look de teenager. A sorte é mesmo de quem viveu para ela...

Não é fácil desligar de um momento daqueles, mas se não o fizesse, não seria capaz de saborear a sobremesa que não tardava a chegar. Primeiro, metamorfoseada pelos hiperativos Frankie & The Witch Fingers, "cromos" repetidos da caderneta que colecionei na edição passada (e que, se pudesse, via todas as semanas).

Perfurantes, entusiasmantes e estilisticamente contrastáveis com a banda que, já no palco ao lado, se preparava para encabeçar as decisivas 00:40.

Falo dos Elder. Provenientes de Massachusetts e merecedores da aristocrática categoria de "banda de culto", representaram um setor mais progressivo, moderno e psicadélico do género. O acrioular do ambiente veio com relativa facilidade, quer pelos suaves pingos de chuva que, à eterna imagem cinematográfica, borrifaram os que lá estavam comigo, quer pelo esquadrão afetivo que "Sanctuary" e "Gemini" simbolizaram.

3. Take as Needed for Pain

Se ainda estás a ler, tenho um pequeno desafio para ti. Abre o Spotify (ou Apple Music, se não tens bom gosto) escreve Kanaan na barra de pesquisa e clica na música "Return to the Tundrasphere".

sugestões

A *kald følelse* que irás sentir é contrastante à sensação térmica da tenda poeirenta em que os noruegueses atuaram. Mas se deres largas à tua imaginação, poderás compreender a minha absoluta determinação em querer ver, pela primeira vez ao vivo, uma das bandas mais subestimadas deste cartaz.

Desde os tiques jazzísticos do baterista, que tanto saltitavam entre diferentes compassos de tempo, como distribuíam fortes e inesperados bombardeios, às melódicas e metálicas cordas que, entre o baixo e a guitarra, não admitiram qualquer tentativa de voz humana, aprendi que o instrumento é o rei, e o instrumentista o seu servente.

Que *show*!

Surgiram, já no palco principal, os italianos The Black Rainbows. Não estavam particularmente inspirados, tal foi o sincero desinteresse que eu e os meus sentimos. Distanciámo-nos sorrateira e cordialmente do palco, puxados por uma forte vontade de nos refrescar no deslumbrante Rio Âncora, o ponto intermédio dos passadiços que caminham rumo ao festival.

Acompanhados por outras mentes que, sobre o sol trincado, elevaram-se perante a mesma ideia, formámos um círculo eclesiástico de silêncio que só permitia o suave rebuliço da cascata.

Minto, porque a sinalética psicadélica e krautroquiana dos Earthless era igualmente percetível. Mas só com o aparecimento dos A Place to Bury Strangers (coloquialmente conhecidos por APTBS) sentimos o dever de voltar.

O cognome de "The loudest band in New York" não surgiu por mero acaso, considerando a distorção encardida e o feedback penetrante que atacavam todos os amantes do Experimental. Visualmente foi uma das experiências mais memoráveis, com o vocalista/guitarrista Oliver Ackermann a ostentar sucessivos lançamentos esquizofrénicos das suas Fender Jaguar, encadeadas pelas luzes do palco e violentadas pelas leis de Newton.

sugestões

Não parei de viver a multiplicidade de mundos que cada banda representava em palco.

Os *Eyehategod*, veteranos do Sludge Metal, que marcaram, quase como ninguém, a cena underground de Nova Orleães, proporcionaram uma variedade infindável de artefactos. Entre eles, encontrámos o ódio, a sujidade, os dedos do meio, os gritos ásperos de Mike IX Williams, o "*Sister Fucker*" e o "*Vietnam*". Os cabeças de cartaz, por outro lado, vieram hipnotizar os milhares de festivaleiros que, de um momento para o outro, consumiram as fileiras do palco principal, enquanto os argelinos Imarhan distribuíam uma última pontada de Tishoumaren.

Por cabeças de cartaz, entenda-se, The Black Angels. Entre festivais mais comerciais e pouco relacionados com o Underground, arranjaram uma *slot* de luxo para vir a Âncora. Ainda assim, e não deixando de apreciar a surpreendente sonoridade e maturidade dos norte-americanos, só voltei a sentir-me totalmente satisfeito quando o "*Doom a sério*" retornou.

Refiro-me aos japoneses Church of Misery, reconhecidos, mundialmente, pelas letras de músicas, única e exclusivamente, centradas na temática de serial killers.

Os representantes do Sol Nascente foram muito mais do que isso. A veneração do riff e a propagação do sombrio eram reais, com uma avalanche tropeçona de Sabbath e Saint Vitus, apalpada, constantemente, pela fricção entre technique e émotion, castrando qualquer tentativa de pildar a perpétua conclusão: o Sonic é isto.

É eclético, e por eclético, se ajuíze, a moderação entre a tentação natural da petrificação, e a sugestão artificial da comercialização. O Sonic é e deve ser sempre isto.

Por mal dos meus pecados, a realização do lúgubre sentimento que se transporta para o mundo físico é inalterável. Volta o calendário, a contar do zero, com 365 dias de separação entre o (muito) que passou e a próxima edição.

Mande Deus que se cumpra, novamente, o recrudescimento do meu ser.

sugestões

SONIC BLAST
12th AUGUST - DOORS OPEN AT 10:00
MAIN STAGE 1
MAIN STAGE 2
STAGE 3

FICHA TÉCNICA

Diretora-Geral Editorial Francisca Cosme Ferreira

Diretores-Gerais Adjuntos João Dias & Diogo Moreira

Diretor de Arte e Forma Vicente Luís

Diretora de Conteúdo Martim Dinis

Diretora de Comunicação Matilde Barata

Chefe de Redação Cristian Bancu

Tesoureira Natacha Pernas

Contribuição gráfica: Nada El-Majr, Margarida Alves & Patrícia Carvalho

Tens interesse em escrever, fotografar ou contribuir de alguma maneira para a nossa revista digital?

Na **Da Democracia em Portugal** *estamos sempre à procura de novas vozes empenhadas em defender a democracia e a liberdade através da escrita e da criatividade.*

Se isto és tu, então contacta-nos através de ***dademocraciaemportugal@gmail.com*** *para saberes como te podes candidatar para aderir à nossa equipa.*

Ficamos à tua espera!

DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL 2023